

A REVISTA AVISA LÁ E AS ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Avisa Lá magazine guidelines for teaching reading skills in early childhood education

Maria Jussara Zamarian¹
Luzia Bueno²

Resumo: Este artigo apresenta uma pesquisa que traz como tema o ensino da leitura orientado pela mídia impressa e tem o objetivo de compreender as orientações ali dadas aos professores de Educação Infantil sobre o ensino da leitura. Reuniram-se e analisaram-se os artigos publicados na revista *Avisa Lá* que visam orientar esse ensino. Estabeleceram-se algumas categorias de análise sobre a leitura, baseadas em diferentes concepções, como as de Chauveau, Dolz, Giasson, Golder e Gaonac'h, Solé e Thevenáz Christen. A análise possibilitou compreender os fundamentos teórico-metodológicos da revista para a formação de professores, as discussões, as propostas e as prescrições que esse periódico tem oferecido aos seus leitores em relação ao ensino da leitura para a Educação Infantil.

Palavras-chave: Formação de professores; Concepções de leitura; Ensino da leitura; Mídia impressa.

Abstract: *This article presents a research that has as theme the teaching of reading directed by print media, whose goal is to understand what are the guidelines on the teaching of reading given to Early Childhood Education teachers. The research seeks to analyze the articles published in the magazine Avisa Lá that aim to guide how it should be the teaching of reading in childhood education rooms. For this analysis were established some analysis categories of reading, based on different conceptions presented by authors such as Chauveau, Dolz, Giasson, Golder e Gaonac'h, Solé e Thévenáz Christen. With this analysis it was possible to understand the theoretical and methodological foundations of the magazine for the training of teachers, as well as discussions, proposals and prescriptions that the magazine has offered its readers in relation to reading instruction for Early Childhood Education.*

Keywords: *Teacher training; Reading concepts; Reading instruction; Press media.*

¹ Doutora em Educação em Educação pela Universidade São Francisco, supervisora de ensino da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo, professora de graduação das Faculdades Integradas Maria Imaculada e da pós graduação da UNIP. E-mail: sarazamarian@hotmail.com

² Doutora em Linguística Aplicada pela PUC-SP, professora da Universidade São Francisco, Itatiba-SP. E-mail: luzia_bueno@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Escrever sobre a leitura não é tarefa fácil. São vários os caminhos já percorridos e a percorrer nesse vasto campo de reflexão. Muitos são os pesquisadores e os pensadores que estudam e refletem sobre a temática.

Para alguns autores, a leitura está centrada na decodificação das palavras, ou seja, quando se aprende a decodificar o código escrito é sinônimo de que se aprendeu a ler. Para tanto, na escola, é preciso ensinar a decodificação das palavras. Para outros, a leitura é realizada a partir do acionamento de algumas estratégias que permitem ao leitor encontrar o propósito e o sentido do texto. Dessa forma, é preciso que a escola ensine essas estratégias de leitura. Para outros, ainda, ler vai além de decodificar e acionar as estratégias, porque é uma prática social e, como tal, deve ser ensinada a partir dos gêneros textuais disponíveis nos espaços sociais.

Apesar de no meio acadêmico haver a percepção dessas diferentes concepções de leitura pelos pesquisadores, no meio escolar elas não são muito claras, e muitas vezes os professores recorrem a revistas como *Nova Escola* ou *Avisa Lá*, para ajudá-los a optar por um trabalho melhor, uma vez que essas publicações acabam por fazer uma mediação entre o que dizem os teóricos e as orientações oficiais do Governo Federal.

Partindo das considerações acima, nosso propósito no presente artigo é refletir sobre as prescrições da revista para o ensino de leitura na Educação Infantil. Para isso, selecionamos uma mídia impressa – a revista profissional *Avisa Lá* – para analisar quais sugestões (prescrições) são oferecidas aos seus leitores para o ensino da leitura na Educação Infantil.

As pesquisas apresentadas neste artigo compreendem estudos e análises parciais de uma pesquisa mais ampla, que culminará em uma tese de doutorado. Portanto, nossa intenção está centrada, inicialmente, em apresentar resultados parciais da pesquisa em curso e, também, em buscar compreender as possibilidades de ensino de leitura que ocorrem nos anos iniciais da Educação Básica, porque consideramos que, a partir do momento em que a criança entra na escola, ou seja, desde a Educação Infantil, ela começa a se constituir como leitor, dentro do espaço escolar.

Para apresentarmos as nossas reflexões, organizamos este artigo em três seções. Na primeira, expomos nosso referencial teórico, explicitando, primeiramente, as diferentes concepções de leitura, com autores que discutem sobre o que é ler. Em seguida, buscamos discussões sobre como ensinar a ler, a partir das concepções expostas anteriormente sobre o que é ler. Na seção seguinte trazemos

as orientações de leitura que a revista *Avisa Lá* apresenta, bem como a pesquisa sobre a própria revista e a leitura. Com isso, analisamos o ensino da leitura na Educação Infantil compreendido pela revista *Avisa Lá*. Encerramos o artigo com nossas considerações finais, estabelecendo análises e discussões referentes aos resultados que obtivemos até o presente momento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A leitura e as diversas concepções

O campo de estudo e pesquisa na área da leitura é extremamente vasto. Por esse motivo, são muitas as concepções e definições sobre a leitura e, conseqüentemente, sobre seu ensino. Na busca por essas concepções nos deparamos com ideias divergentes e convergentes de diferentes autores que se propuseram (e se propõem) a estudar e pesquisar esse tema. Dedicamo-nos, portanto, a discutir sobre algumas concepções da leitura e do seu ensino, visando melhor compreender e também agrupar subsídios para nossa análise posterior. Para tanto, apresentaremos, primeiramente as concepções e definições de leitura, para, em seguida traçarmos as formas de ensinar segundo essas concepções. Contaremos, nesse ponto, com as contribuições de Chauveau (2004), Dolz (1996), Golder e Gaonac'h (2004 [1998]), Giasson (2013, 2003), Solé (1998) e Thevenáz Christen (2014).

2.2 O que é ler?

A leitura, durante muito tempo, foi compreendida simplesmente como um processo visual em que o indivíduo, se soubesse decifrar as palavras escritas, já era considerado leitor. Entretanto, ao longo do tempo, outras concepções mais inovadoras foram sendo propostas, mas somente no início da década de 1980 é que foram sendo expandidas as novas concepções referentes à leitura, que se diferenciavam, de fato, daquelas mais clássicas, tradicionais. Nessa nova visão de leitura, ela passa a ser entendida como um processo muito mais cognitivo que visual: ativo e interativo, que envolve construção de sentido e de comunicação (GIASSON, 2013).

Nesse contexto, alguns autores atualmente colaboram para as discussões e as necessárias mudanças nas concepções acerca da leitura, como podemos constatar a seguir.

Giasson (2003), além de outros pesquisadores, concebe a leitura como um conjunto de processos, a saber: um processo ativo, porque o leitor não armazena passivamente as palavras, uma após as outras, mas faz, constantemente, suposições e tenta verificá-las no decorrer da leitura; um processo de linguagem, assim como a fala, porque ainda que não se sobreponham completamente as regras que permitem criar as frases, lê-las e dar-lhes sentido, são utilizadas tanto para a expressão oral como para a escrita; um processo indivisível (ou holístico), porque a leitura não pode ser dividida em pequenas unidades. A maioria das habilidades em leitura não pode ser ensinada ou avaliada isoladamente porque são interdependentes. Compreender a ideia principal de um texto, por exemplo, pode depender da capacidade de fazer inferências, da compreensão das relações de causa e efeito e da quantidade de conhecimento prévio do leitor; um processo de construção de sentido, porque a compreensão de um texto é fortemente ligada ao conhecimento que o leitor possui sobre seu conteúdo; um processo transacional, porque a leitura é uma transação entre o leitor e o texto, pois o sentido do texto não reside nem no leitor, nem no texto, mas na transação que se estabelece entre os dois; um processo interativo, porque a interação se faz entre o leitor, o texto e o contexto. A compreensão da leitura varia conforme o grau de relação entre as três variáveis. Quanto maior for o imbricamento entre elas, melhor será a compreensão.

Diante do exposto, podemos compreender que a leitura é um processo ativo e indivisível de linguagem, que busca incessantemente a construção do sentido por meio da interação entre o leitor, o texto e o contexto.

De forma diferente, Golder e Gaonac'h (2004[1998]) compreendem que a atividade de leitura coloca em jogo um conjunto de competências complexas: reconhecer uma palavra e suas fronteiras, porque as unidades de segmentação da escrita não são estritamente definidas no plano linguístico; coordenar os símbolos escritos e seus sons, porque nas línguas ocidentais a combinação dos sons e das letras é feita de maneiras muito diferentes, conforme o caso; identificar as palavras pela construção e pelo reconhecimento global, que é muito diferente do reconhecimento de letras isoladas; reconhecer as palavras no campo semântico, a partir do acesso lexical mental, da reativação do conjunto de conhecimentos relativos a um item lexical (palavra); memorizar, ou seja, guardar na memória, de maneira eficaz, os elementos sucessivos que devem ser integrados para construir o sentido do texto; tratar tudo isso de maneira conjunta, porque não basta, no plano cognitivo, ser controlada somente cada uma das competências, mas é preciso, também, que elas sejam utilizadas de maneira conjunta e articulada.

Portanto, nesse contexto, a leitura é o reconhecimento de palavras e a coordenação dos símbolos escritos e seus sons, visando à construção do sentido do texto.

Há ainda outro conjunto de estudiosos do tema, como Chaveau (2004) e Solé (1998), que afirmam que falar de capacidade de leitura é, antes de tudo, lembrar que se trata de uma situação de comunicação entre dois interlocutores e de busca de sentido e “compreensão” do enunciado escrito. Chaveau (2004) afirma que há três ações e três níveis no ato de ler. Ele assim define tais ações: ação cultural, como, por exemplo, manipular o objeto cultural da escrita (jornal, livro) e explorar e explicar por que se interessa por aqueles escritos; ação compreensiva – saber do que se fala, o que se passa, extrair as informações semânticas, organizar essas informações para reconstruir o texto, para ter acesso à sua compreensão literária; ação instrumental – utilizar procedimentos especializados que permitam tratar com eficácia o texto escrito. O autor ainda salienta que a atividade mental da criança deve se aplicar aos três níveis do ato de ler: a finalidade (por que ler determinado texto); o objetivo imediato (compreender); os procedimentos de tratamento de informação gráfica (como fazer).

Nessa mesma linha de pensamento, Solé (1998) enfatiza que a leitura deve ser compreendida como um processo de interação entre o leitor e o texto para alcançar um propósito. Lemos sempre para alguma coisa, algum fim: para nos informar, para nos distrair, para aprender algo, etc. Visando à compreensão do texto, o leitor lança mão de seus conhecimentos de mundo e do próprio texto em questão. Ter um objetivo para a leitura significa controlá-la e regulá-la, poder gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê. Por isso a leitura deve ser considerada como um incessante processo de elaboração e verificação de previsões do leitor que o levarão à uma interpretação.

Quando lemos um texto, nos atentamos ao título, ao subtítulo, ao negrito, ao itálico, à estruturação, visando utilizar essas informações como recursos para antecipar e/ou compreender o assunto do texto, por exemplo. Tais indicadores auxiliam na ativação do conhecimento prévio do leitor e poderão ser muito úteis na extração das ideias centrais. Nesse contexto é fundamental que, ao ler, o leitor se proponha a compreender e a controlar sua compreensão que, de forma inconsciente, vai desenvolvendo, à medida que lê. O controle da compreensão é um requisito essencial para ler de forma eficaz. Enfim, a autora afirma que, para o leitor se envolver na atividade de leitura, é necessário que ela seja significativa para ele e que ele se sinta capaz de ler e compreender o texto em questão. Porém, essa leitura só lhe será motivadora se o conteúdo estiver ligado aos seus interesses e se a tarefa em si corresponder a um objetivo.

Dessa forma, a leitura pode ser concebida como um processo de interação entre leitor e texto, em busca de um propósito e de sentido e compreensão do texto escrito.

Importa ainda considerar o que afirma Dolz (1996, p.1) no quadro de concepções do interacionismo social:

[...] la compréhension d'un discours est théorisée comme un processus d'interaction entre un lecteur actif et un texte où les caractéristiques de l'un interagissent avec celles de l'autre pour produire une signification spécifique au contexte dans lequel l'activité de lecture se réalise. Comprendre un discours, c'est saisir comment les représentations du monde sont actives et organisés par les discours sous le contrôle des valeurs de l'interaction sociale.

O autor salienta que esta concepção insiste em três dimensões: a primeira está nas especificidades linguísticas do texto – considerado um objeto complexo que reúne uma série de características observáveis – em relação aos tipos discursivos e aos gêneros textuais; a segunda dimensão está centrada nas diversas capacidades languageiras e nos diversos sistemas de conhecimento que o leitor utiliza para compreender o que está lendo; e, enfim, a terceira corresponde às diferentes dimensões do contexto que devem ser levadas em consideração durante a leitura do texto, ou seja, a avaliação cognitiva da situação de leitura e a reconstrução da situação de comunicação e da intenção do autor do texto.

Dessa forma, considerando esse quadro, podemos definir a leitura como um processo de interação entre um leitor ativo e um texto, em que as características de um interage com as do outro, para produzir um significado específico na atividade de leitura.

Estabelecidas algumas definições sobre leitura, passamos a analisar e compreender as diferentes formas de ensino.

2.3 Ensinar a ler

A partir das diferentes concepções sobre o que é ler, surgem as diversas maneiras de ensinar a ler. Várias teorias procuram definir os processos e os princípios da aprendizagem da leitura. Os modelos de ensino são diversos, tanto quanto as definições sobre o que é ler. Para completar nossos estudos sobre a leitura, apresentamos algumas propostas para o seu ensino, levando em consideração as teorias que embasam tais práticas.

Uma prática bastante utilizada na aprendizagem da leitura corresponde à transmissão de conhecimento, considerado uma entidade estática que se situa em qualquer parte fora do aluno e deve entrar na sua cabeça. O papel do ensino consiste em transmitir ao estudante os conhecimentos por meio de exercícios repetitivos. Giasson (2013) enfatiza que essa aproximação por memorização, sem um trabalho pessoal de compreensão, conduz ao registro relativamente superficial de informações e dificilmente reinveste na atividade cognitiva geral do aluno. Tal prática, segundo a mesma autora, está pautada nos seguintes princípios: 1. *L'apprenant doit maîtriser une étape avant de passer à la suivante*; 2. *La tâche est facilitée si elle découpée em petites unités*; 3. *L'apprentissage se réalise par associations et par répétitions*” (GIASSON, 2013, p. 22). O modelo de transmissão de conhecimento estabelece uma relação direta entre o ensino e a aprendizagem. O professor ensina e os alunos aprendem. O professor acredita que somente sua ação é a causa da aprendizagem. A autora afirma que esse tipo de prática ocorreu até a década de 1980, mas não desapareceu completamente das classes, e vários professores se referem a ele mais ou menos conscientemente (GIASSON, 2013).

Em contraposição a essa prática, a autora propõe o ensino da leitura, levando em consideração que três categorias de competências devem ser desenvolvidas. A primeira corresponde à habilidade de compreender os textos variados, e, para isso, o aluno deve utilizar uma gama de estratégias cognitivas e metacognitivas que concernem tanto à identificação das palavras quanto à compreensão das ideias importantes ou à gestão da compreensão. A segunda categoria diz respeito às respostas estéticas, em que o aluno reage sobre o texto, segundo seus interesses, suas emoções e suas experiências. E, por fim, a terceira categoria envolve as respostas geradoras, com as quais, além de compreender o texto e reagir a ele, o leitor faz algo com o texto lido, ou seja, ele o analisa, no caso dos textos literários, e utiliza as informações dos textos técnicos.

Golder e Gaonac’h (2004[1998]) concebem outra forma para a aprendizagem da leitura. Eles afirmam que, para ler, o aluno deve dispor de certo número de competências, de requisitos prévios, que permitirão colocar em prática os mecanismos implicados na atividade de leitura. Esse colocar em prática depende das situações de aprendizagem que se propõem ao aluno e, portanto, dos métodos de aprendizagem da leitura.

Os autores enfatizam:

[...] lire, c'est évidemment comprendre. Mais, pour apprendre à comprendre, il ne suffit pas d'exercer la compréhension; il faut exercer les mécanismes que permettent la compréhension et, em premier lieu, le décodage. Qui plus est, il faut

exercer ces mécanismes au bon moment, tout en tenant compte des interactions qu'ils entretiennent entre eux. (GOLDER; GAONAC'H, 2004[1998], p.157-158)

Eles explicam que não se trata de escolher um ou outro método, mas de saber quais são os mecanismos que se buscam e, então, adaptar o método a eles. Os autores enfatizam que é necessário aprender o código nos períodos críticos da aprendizagem, notadamente no início, de maneira a evitar que os alunos coloquem em uso as estratégias para suprir as deficiências de decodificação, estratégias de substituição provisória que podem se revelar eficazes, mas que, contudo, correm o risco de tornar-se habituais e dificultar a compreensão. Golder e Gaonac'h (2004[1998]) afirmam não advogar em favor de um método particular de aprendizagem da leitura, mas procuram sublinhar a relação entre os mecanismos implicados na leitura e as condições de sua utilização. Não é possível dar ao leitor, mesmo com toda a boa vontade, instruções de leitura (2004[1998]). A impossibilidade de dar uma receita está ligada ao fato de que o leitor utiliza as estratégias de leitura e, em consequência disso, não existe uma relação unívoca entre método de aprendizagem e mecanismos utilizados.

Já Solé (1998) ressalta que, na escola, as atividades planejadas para o ensino inicial da leitura precisam garantir a interação significativa da criança com a língua escrita, utilizando essa interação como um caminho para construir os conhecimentos necessários à abordagem das diferentes etapas de sua aprendizagem. Para isso é fundamental levar em consideração os conhecimentos que as crianças já possuem, aproveitá-los, e, a partir de suas ideias, ampliar suas significações.

A leitura é um procedimento e deve ser trabalhado como tal em sala de aula. A autora explica que, para ler, é necessário acionar algumas estratégias que vão permitir ao aluno planejar sua tarefa de modo geral. Porém, ensinar a ler é uma questão de compartilhar objetivos, tarefas, significados. Exige a observação dos alunos e a própria intervenção, como requisitos para estabelecer situações didáticas diferenciadas, adequadas à diversidade inevitável da sala de aula. Portanto, é função do professor promover atividades significativas de leitura, bem como refletir, planejar e avaliar a própria prática em torno da leitura. Para finalizar, a autora considera que

aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos. (SOLÉ, 1998, p.65)

Dolz (1996) afirma que os modelos interativos apresentam uma diversidade de instrumentos em ensino-aprendizagem de leitura. Buscam-se as estratégias de leitura para evocar as sequências de atividades coordenadas, com o objetivo de construir significados. O termo “estratégia” é utilizado para mostrar o caráter flexível e dinâmico das abordagens durante a leitura, e as estratégias de leitura se completam continuamente.

Thévenaz Christen (2014) complementa essas considerações, afirmando que, na escola, a leitura se configura em uma prática social situada em uma instituição sócio-histórica, cujo propósito é a formação da geração mais jovem. A leitura é configurada de uma forma específica, no quadro da disciplina escolar, do qual ela não pode ser dissociada.

3. Orientações de leitura na revista *Avisa Lá*

3.1 A pesquisa sobre a revista e a leitura

Selecionamos como objeto de pesquisa uma revista profissional, destinada aos profissionais da Educação – professores, coordenadores, diretores, etc. É publicada trimestralmente pelo Instituto Avisa Lá desde 1999 e, segundo sua equipe organizadora, tem como objetivo apoiar a formação continuada de profissionais de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em prol de um trabalho educativo de qualidade, com sentido e significado para as crianças. Outra intenção propagada por seus idealizadores é divulgar reflexões e sistematização dos agentes da educação. Eles afirmam publicar artigos de boas práticas de escolas privadas e públicas. Também asseguram que o importante é a qualidade do trabalho, pois a ideia é compartilhar ações diretas com as crianças, processos de mudanças institucionais, ações de formação continuada atrelada aos contextos de trabalho, práticas relativas à promoção de saúde e bem-estar nas unidades educativas, pesquisas sobre aprendizagem e desenvolvimento infantil e temas interessantes que se inter-relacionam com essas áreas. A revista busca, também, sempre relacionar as publicações de pesquisas ou entrevistas com temas técnicos mais específicos da prática e das ações cotidianas das instituições de educação.

Embora tenham sido publicados artigos com variados temas, analisamos somente aqueles que tratam diretamente do ensino da leitura na Educação Infantil. Selecionamos 60 revistas, publicadas entre 1999 e 2014, para analisar os artigos referentes a este ensino. Encontramos 39

textos destinados ao ensino na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e na Formação de professores. Desses, 16 referem-se ao ensino da leitura especificamente para a Educação Infantil e são apresentados neste artigo.

Para o estudo dos artigos dos periódicos, com base nos textos dos autores aqui mencionados e em suas concepções, estabelecemos algumas categorias de análise. Cada uma delas está baseada em uma dessas concepções: reunimos as teorias que continham o mesmo princípio e estabelecemos as categorias e, a partir de alguns pontos que se diferenciavam, dentro do mesmo princípio, definimos as subcategorias.

Assim classificamos as categorias de análise da leitura:

- Ler é um processo visual de decifração de palavras
 - Para compreender o sistema de escrita
 - Para construir o sentido do texto
- A leitura é um processo ativo e indivisível de linguagem, que busca incessantemente a construção do sentido por meio da interação entre o leitor, o texto e o contexto.
 - Em busca de um propósito
 - Em busca de compreensão
- A leitura é um processo de interação entre um leitor ativo e um texto, em que as características de um interage com as do outro, para produzir um significado específico na atividade de leitura.
 - É uma prática social situada.

Com o apoio das categorias de análise da leitura, buscamos os artigos publicados na revista que se referem ao ensino da leitura na Educação Infantil, publicados na revista *Avisa Lá*. Seleccionamos alguns excertos para exemplificar as categorias mais encontradas nos textos selecionados, visando compreender a concepção de leitura em que tal revista está apoiada.

3.2 O ensino da leitura na Educação Infantil compreendido pela revista *Avisa Lá*

A primeira categoria analisada corresponde à leitura como um processo visual de decifração de palavras para a compreensão do sistema de escrita. Nessa frente de análise pudemos identificar que, dos 16 artigos destinados ao ensino da leitura na Educação Infantil, 8 apresentam situações que

se inscrevem nessa categoria. Alguns deles estão concentrados nessa frente, enquanto outros atendem a outras, além dessa.

O texto que mais expressa essa categoria está na revista de número 7, de julho de 2001, na seção “Conhecendo a criança”, sob o título “Estratégias de leitura – como é possível ler antes de estar alfabetizado”. Trata-se de um diário de campo de uma professora, com comentários de formadoras do Instituto Avisa lá, em que é descrita uma atividade de leitura para ajudar crianças de 5 a 6 anos a avançar na reflexão sobre o sistema de escrita. Embora, ao longo do texto, tenhamos identificado outras categorias de leitura, sua concentração maior está na leitura para a compreensão do sistema de escrita. Ao analisar o artigo, selecionamos 12 trechos que enfatizam essa categoria, enquanto identificamos apenas 4 trechos que se inscrevem em outras. Para confirmar nossa análise, transcrevemos alguns trechos a seguir:

O planejamento das atividades de leitura deve considerar os diferentes níveis de compreensão dos alunos e uma mesma atividade pode propor desafios diferentes para cada um. Dessa forma, todos os alunos encontram problemas a resolver na atividade: enquanto uns ocupam-se em encontrar pistas para descobrir as palavras solicitadas, utilizando estratégias de leitura e o conhecimento do valor sonoro convencional de algumas letras, outros, que já leem e escrevem convencionalmente, ocupam-se em resolver problemas relacionados com as convenções ortográficas: retira-se o banco de palavras e eles centram-se na grafia correta das palavras. (p. 6)

Como as crianças ainda não sabem decodificar completamente os textos escritos, utilizam estratégias antecipatórias de leitura para descobrir o que está escrito, como as letras iniciais, finais ou mediais das palavras. (p.6)

Na categoria correspondente à leitura como um processo visual de decifração de palavras para a construção do sentido do texto são poucos os artigos inscritos. Apenas três apresentam esse tipo de leitura. Apesar de haver menção sobre a presente frente de análise, eles se inscrevem com muito mais expressividade em outras categorias. Por esse motivo não apresentaremos exemplos expressos nos textos, uma vez que nenhum deles tem esse objetivo, de fato.

Em contrapartida, encontramos 12 artigos inscritos na categoria que salienta que a leitura é um processo ativo e indivisível de linguagem, que busca incessantemente a construção do sentido por meio da interação entre o leitor, o texto e o contexto, com um propósito definido. Desses, cinco apresentam essa frente de análise como a principal, demonstrando, ao longo de todo o texto, que esse é o objetivo, no que concerne ao ensino da leitura para a Educação Infantil.

O primeiro da lista, com 11 passagens no texto, se encontra na revista de número 12, publicada em outubro de 2002, na seção “Tempo didático”. O texto intitula-se “O pulo do sapo: um projeto para aprender sobre seres vivos, leitura e escrita” e apresenta o relato de uma formadora de professores que desenvolveu um projeto de leitura e escrita sobre sapos com alunos da creche e uma formação com as professoras da mesma instituição, simultaneamente. Podemos observar essa categoria principalmente quando a formadora descreve o passo a passo do trabalho desenvolvido com os alunos, como, por exemplo:

Assim que cheguei, e depois da nossa conversa habitual, dividi a classe em pequenos grupos. A intenção era fazer uma pesquisa para adquirir mais informações sobre sapos que fossem interessantes de escrevermos em nosso livrete. (p. 35)

Primeiro, é claro, elas folhearam bastante os livros, levantaram hipóteses do que poderia estar escrito em determinados trechos, mas, em seguida, nós nos aproximamos e fizemos diversas leituras para os grupos, confirmando ou refutando suas hipóteses iniciais, lendo partes dos textos que nos pediam ou, ainda, destacando trechos que eu já havia selecionado por conterem informações interessantes para as crianças. (p. 35-36)

Já a categoria que apresenta a leitura como um processo ativo e indivisível de linguagem, que busca incessantemente a construção do sentido por meio da interação entre o leitor, o texto e o contexto, em busca de compreensão, tem poucos textos inscritos. Encontramos apenas quatro e, ainda assim, com poucas passagens focadas nesse tipo de leitura. Todos os artigos com trechos que nos remetem a esse tipo de leitura estão mais fortemente inscritos em outras categorias.

Por último, encontramos 14 textos na categoria que toma a leitura como um processo de interação entre um leitor ativo e um texto, em que as características de um interage com as do outro para produzir um significado específico na atividade de leitura como uma prática social situada.

Dos artigos em questão, sete têm a leitura como uma prática social situada como discurso dominante. Entretanto, alguns textos apresentam outras categorias com bastante evidência também. Por isso nos ateremos ao artigo que mais se destaca nesta categoria, publicado na revista de número 15, na seção “Reflexões do Formador”, com o título “O que o jornal de hoje nos traz?”. O texto foi escrito por duas professoras de Educação Infantil que desenvolveram um trabalho com a leitura e a escrita de jornais com seus alunos. Logo no início as autoras salientam a importância do trabalho com textos na sala de aula: “Quem acredita que ler e escrever não é mera questão de conhecer letras,

sílabas e seus respectivos sons, mas sim um processo muito mais amplo e complexo, costuma eleger o trabalho com textos para aproximar as crianças do universo da escrita” (p. 30).

As autoras explicam que os trabalhos foram realizados com um grupo de crianças de 2 a 3 anos e com outro grupo, de alunos de 5 a 6 anos. Foram desenvolvidas propostas diferentes de leitura, levando em consideração a faixa etária das crianças e os objetivos das professoras. Elas expõem situações de sala de aula que traduzem a categoria analisada, enfatizando constantemente a função social do jornal, e o apresentam como um portador de diversos gêneros textuais.

A atitude das crianças frente ao jornal foi se modificando ao longo do projeto. Se no início elas se prendiam mais às fotos, posteriormente passaram a prestar mais atenção aos textos, realizando uma leitura possível para a idade delas, folheando o jornal, observando com atenção o seu conteúdo, buscando significados. Por meio do jornal elas puderam entrar em contato com a linguagem escrita em sua função primordial, a de comunicar. Além disso, o grupo também se aproximou dos diferentes estilos de textos correspondentes às diversas seções do jornal, que liamos em grupo. (p. 31)

Como pudemos observar, todas as categorias de análise da leitura foram contempladas ao longo dos 16 artigos analisados. Algumas tiveram muito mais expressividade que outras, mas, de certa forma, os artigos, em algum momento, trouxeram diferentes concepções sobre a leitura e, por consequência, diferentes propostas para seu ensino nas salas de Educação Infantil.

São vários os relatos de trabalho com a leitura para essa faixa etária, e foi possível constatar que as propostas de atividades de leitura para tal segmento da educação têm sido bastante enfatizadas pela mídia impressa analisada neste trabalho, demonstrando que os organizadores do periódico se pautam na concepção de que a criança deve ser considerada como “leitora” a partir do momento em que entra na escola, mesmo que ela ainda não saiba ler convencionalmente.

4. Considerações Finais

Após a análise dos artigos referentes à leitura na Educação Infantil, pudemos constatar que a categoria de leitura predominante na revista nesse segmento da educação está inscrita na leitura como um processo de interação entre um leitor ativo e um texto, em que as características de um interage com as do outro para produzir um significado específico na leitura realizada – prática social situada. Foram 86 citações referentes a essa categoria. Em seguida, com 58 passagens, destaca-se a

categoria de leitura como um processo ativo e indivisível de linguagem, que procura construir o sentido por meio da interação leitor, texto, contexto, em busca de um propósito.

Em relação às prescrições (ou sugestões) de trabalho com a leitura para a Educação Infantil que a revista apresenta ao seu leitor, podemos afirmar que, embora sejam apresentadas várias propostas em que se busca a leitura como apoio para a compreensão do sistema de escrita, sobretudo nos últimos anos desse segmento, visando à alfabetização, ela se pauta, predominantemente, no trabalho com textos; a criança é tratada como leitora desde antes de alfabetizada, e a revista trata a leitura em voz alta pelo professor também como uma situação de leitura na qual os alunos têm a oportunidade de participar ativamente do ato de ler, ampliando seus conhecimentos sobre os diferentes gêneros textuais e sobre temas diversos; sobre alguns autores; sobre alguns procedimentos de leitura, como, por exemplo, comentar sobre o que foi lido, indicar textos, socializar os conhecimentos adquiridos, pesquisar, etc.

Embora, na sua maioria, os artigos relatem experiências tidas como exitosas de professores e coordenadores com o ato de ler, aparentemente a revista apresenta tais experiências como prescrições que podem ser seguidas pelos professores leitores, considerando as situações como garantias de êxito, que merecem ser reproduzidas, principalmente para serem experimentadas em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CHAUVEAU, G. *Comment l'enfant devient lecteur*. Paris: Retz, 2004.

DOLZ, J. Ecrire pour lire. *Gymnasium Helveticum*, n. 50, p. 7-12, 1/1996.

Disponível em:

<http://www.fachportalpaedagogik.de/fis_bildung/fis_list.html?&ckd=yes&mtz=5000&facets=y&maxg=5&ohneSynonyme=y&feldname1=Schlagw%F6rter&feldinhalt1=TEXT&bool1=or&nHits=8377> Acesso em 03/mar/2017.

GIASSON, J. *La lecture: de la théorie à la pratique*. Adapté par Tessa Escoyez. 4. ed. De Boeck Éducation, 2013.

GOLDER, C.; GAONACH, D. *Lire et comprendre*. Psychologie de la lecture. Paris: Hachette Education 1998. (2004). Disponível em: <<http://canope.ac-rennes.fr/sites/default/files/ckfinder/files/bibliographie-langage-lecture-comprehension-cycles-1-2-3.pdf>> Acesso em 03/mar/2017.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THEVENÁZ CHRISTEN, T. (Ed.) *La lecture enseignée au fil de l'école obligatoire. L'exemple genevois*. Namur: Presses universitaires de Namur., 2014. (Diptyqye, n. 28).

Disponível em

<<https://www.unige.ch/fapse/grafe/schneuwly/grafelect/grafelectmbrs/aebycv/>> Acesso em 03/mar/2017.

REVISTAS

Avisa Lá – Revista para a formação de professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Publicação trimestral do Instituto Avisa lá, ano II, n. 7, jul. 2001.

Avisa Lá – Revista para a formação de professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Publicação trimestral do Instituto Avisa lá, ano III, n. 12, out. 2002.

Avisa Lá – Revista para a formação de professores de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Publicação trimestral do Instituto Avisa lá, ano IV, n. 15, jul. 2003.